

## EDUCAÇÃO CRISTÃ NO CONTEXTO DA IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA<sup>1</sup>

*Christoph Barnbrock*<sup>2</sup>

Tradução: Vilson Scholz

Revisão: Gilberto Silva

### 1. ONDE, NA IGREJA, OCORRE A FORMAÇÃO CRISTÃ?

É provável que, quando alguém trata de educação cristã no contexto da igreja evangélica luterana, provavelmente tenha em mente as formas clássicas em que se processa a formação no contexto da igreja: escola dominical para as crianças e instrução de confirmandos. Talvez acrescente ainda a educação religiosa nas escolas, que, na Alemanha, está sob a responsabilidade das igrejas, e ainda, em muitos lugares, o ensino de doutrina cristã como elemento catequético no culto ou (principalmente na Alemanha oriental) durante a semana.

É verdade que em todos esses contextos ocorre uma atividade formativa cristã. No entanto, teríamos um significativo estreitamento de foco caso pensássemos que somente naqueles contextos ocorre formação cristã. As pessoas aprendem na igreja de várias maneiras. Jovens e velhos participam de coros e conjuntos musicais. Aprendem, assim, a fazer música e ao mesmo tempo crescem na tradição da música eclesiástica e na mensagem que ela traz. Em grupos de estudo bíblico, pessoas interessadas conversam sobre temas bíblicos e doutrinários e, desta forma, aprendem na companhia umas das outras. Outros buscam formação para poder colaborar com o trabalho da congregação. Na SELK, a Igreja Evangélica Luterana Independente da Alemanha, o curso teológico a distância oferece um programa de formação que possibilita a membros da igreja engajar-se de forma responsável no trabalho da congregação, sob a responsabilidade

---

<sup>1</sup> Palestra apresentada na Comunidade Evangélica Luterana da Trindade, em Frankfurt, no dia 10 de novembro de 2013. Para ser impressa, a palestra foi ampliada e foram acrescentadas notas de rodapé. Na palestra, ocorreram dois momentos de discussão em grupo. O primeiro, depois do ponto 2, girou em torno das seguintes perguntas: Quem ou o que foi importante para o meu aprendizado na comunidade, seja como jovem ou já como adulto? Quem ou o que me atrapalhou nesse processo? O segundo momento de discussão ocorreu bem ao final, com a seguinte pergunta: Como e o que as crianças e os adultos devem aprender na congregação ou igreja?

<sup>2</sup> Pastor da SELK (*Selbständige Evangelisch-Lutherische Kirche*, da Alemanha), formado pela *Lutherische Theologische Hochschule* de Oberursel, Alemanha. Tem doutorado pela Universidade de Göttingen (2002), com uma pesquisa sobre as pregações de C. F. W. Walther, fundador do Sinodo de Missouri, no século XIX. É professor de Teologia Prática em Oberursel desde 2011. Também é o representante dos professores de Oberursel na comissão que gerencia o curso de teologia a distância, na SELK.

e orientação do pastor. E, por fim, é preciso mencionar o culto como um lugar onde ocorre formação cristã dentro da igreja. Isto ocorre não apenas quando se tem uma pregação de cunho mais catequético, mas pela simples participação na liturgia. Quem participa do culto regularmente assimila os textos fundamentais da fé cristã e aprende, pela prática, a ter uma postura adequada, ganhando com isso competência religiosa. Seria possível ampliar a lista de lugares e momentos na vida da congregação em que as pessoas podem aprender, mas vou me limitar ao que acabo de dizer. Espero que tenha ficado claro que a aprendizagem na congregação e na igreja não pode ser reduzida a um “formato” específico, algo como a instrução de confirmandos, mas ocorre numa variedade de formas.<sup>3</sup> Mas isto também já permite ver que, ao longo das últimas décadas, a atividade de educação cristã passou por uma modificação.

## 2. A ATIVIDADE FORMATIVA DA IGREJA NUMA SOCIEDADE EM TRANSFORMAÇÃO

Quando se conversa com membros de igreja que já têm mais idade, sempre de novo aflora a decepção desses mais idosos que dizem que, hoje, na instrução de confirmandos, não se aprende mais tanto quanto se aprendia no passado. Quem se expressa assim não apenas lamenta, mas ao mesmo tempo revela a preocupação de que ficará faltando aos jovens de hoje algo daquilo que foi importante para a vida dos mais velhos, especialmente na forma de textos que foram assimilados ou memorizados. Ao mesmo tempo, pessoas de mais idade também têm sentimentos em parte ambivalentes em relação ao tempo em que foram confirmandos. Muitos entendem que a severidade e o rigor empregados pelo pastor na condução do ensino confirmatório deixou a impressão de ser uma experiência incômoda e ameaçadora. Já outros, olhando para trás, concordam com o que foi dito de forma bem franca por Thomas de Maizière, Ministro do Interior da Alemanha e homem engajado no trabalho da igreja: “Achávamos principalmente que a instrução de confirmandos era muito chata”.<sup>4</sup>

Assim, é fácil notar que não há como voltar a uma suposta “era dourada” da instrução de confirmandos. Ao contrário, o que se impõe é um desafio duplo. Por um lado, que, em nossos dias, o trabalho com os confirmandos seja organizado de uma forma que não se perca a pre-

---

<sup>3</sup> No contexto alemão, para designar esse campo de atuação diversificado, foi desenvolvido o conceito da “pedagogia congregacional”. Uma visão geral disso aparece em *Peter Bubmann et alii* [eds.], **Gemeindepädagogik**, Berlin/Boston, 2012. Naquilo que apresentarei a seguir, a instrução religiosa nas escolas, que, na Alemanha, assume contornos próprios, não será levada em conta, ou, quando muito, aparecerá apenas tangencialmente.

<sup>4</sup> Thomas de Maizière, in: Burkhard Weitz (ed.), **Der erste große Auftritt**. Erinnerungen an die Konfirmation, Frankfurt am Main, 2013, p. 23.

cioidade daquilo que foi transmitido de geração em geração dentro da igreja. Por outro lado, que a igreja também interaja com os processos de transformação da sociedade de tal forma que facilite às novas gerações o acesso à fé cristã.

No caso da Alemanha, que é a minha realidade, as modificações na sociedade são preocupantes. Em 1950, 95,6% da população ainda pertenciam a uma das grandes igrejas; em 2010, essa percentagem havia caído para apenas 59,4%. Na Alemanha, a maior "confissão" é a do grupo dos que não têm confissão de fé, e estes são 30,3% da população.<sup>5</sup> Segundo as estatísticas, a expectativa (ou temor) é de que, em 20 anos, de cada dois alemães apenas um pertença a uma das duas grandes igrejas (evangélica e católica).<sup>6</sup> Isto significa, ao mesmo tempo, que a participação em atividades da igreja não é mais a situação normal, como era duas gerações atrás, sendo algo que requer uma explicação, mesmo levando-se em conta diferenças regionais. Assim, na Alemanha, a "socialização religiosa" está diminuindo: na Alemanha ocidental, onde até hoje se faz sentir uma ênfase cristã mais acentuada, 70% dos entrevistados com mais de 66 anos responderam que receberam educação religiosa, enquanto que na faixa etária entre 16 e 25 anos menos de 30% responderam que receberam esse tipo de formação.<sup>7</sup> Isto é tanto mais problemático na medida em que é possível mostrar estatisticamente que existe uma conexão entre ter recebido educação religiosa e vivência religiosa (ou a falta dela) numa fase posterior da vida.<sup>8</sup> A ausência de religião está se tornando algo normal:

A carência de experiências religiosas e a falta de conhecimento religioso internalizado com certeza levarão a um quadro em que muitas pessoas pensarão que uma vida sem religião é algo perfeitamente óbvio e natural. Diante de um quadro assim, parece pouco provável que num futuro próximo venhamos a ter um renascimento da religião na sua forma tradicional.<sup>9</sup>

Sem querer entregar os pontos à vista desses dados estatísticos ou, num ativismo desenfreado, jogar fora tudo que está bem estabelecido, me parece que, ainda assim, é necessário que a igreja interaja com esses desenvolvimentos em nossa sociedade. Na instrução de confirmandos, mesmo nos círculos de uma igreja luterana confessional, não se pode mais

---

<sup>5</sup> Dados estatísticos segundo o *Religionsmonitor Deutschland 2013* ([http://www.religionsmonitor.de/pdf/Religionsmonitor\\_Deutschland.pdf](http://www.religionsmonitor.de/pdf/Religionsmonitor_Deutschland.pdf) - situação em 19 de dezembro de 2013), p. 32.

<sup>6</sup> <http://www.pro-mediemagazin.de/gesellschaft/detailansicht/aktuell/emkonfessionslos-gluecklichem/> - Situação em 23 de dezembro de 2013.

<sup>7</sup> *Religionsmonitor Deutschland 2013*, p. 15.

<sup>8</sup> Idem, p. 16.

<sup>9</sup> Idem.

pressupor que todas as crianças, ao virem para a instrução, já conheçam os textos fundamentais da fé cristã. Também não se pode mais contar com a mesma disposição dos pais para acompanhar e dar apoio ao que está sendo feito na instrução de confirmandos. De uns tempos para cá, não se pode mais pressupor que todos os filhos dos membros da igreja estão interessados em participar da tradicional instrução de confirmandos, visto que resistem ao convite que lhes é feito. Em tempos recentes, a transição entre a instrução de confirmandos e a reunião dos jovens nem sempre é bem sucedida, ou seja, é difícil fazer com que os confirmandos se integrem no grupo de jovens. Como lidar com isso? Será que a igreja deve se resignar ou aceitar a realidade de que as crianças fatalmente perderão o contato com a igreja? Não seria necessário desenvolver novos formatos, que sejam mais atraentes do que a tradicional instrução de confirmandos?<sup>10</sup> Agora, em que momento, então, deveriam aprender os conteúdos ou as doutrinas da fé que professam? Estas perguntas talvez deixem claro que, neste particular, não existem respostas simples. Por outro lado, mostram que a igreja está desafiada a fazer frente às transformações da sociedade, sem abrir mão da sua confissão e sem deixar de apresentar aos confirmandos aquilo que um cristão precisa para crer, viver e morrer. Para a explicação mais detalhada disto, será importante conhecer algo sobre os objetivos da educação cristã.

### 3. QUAIS SÃO OS OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO CRISTÃ?

Em se tratando dos objetivos da instrução, um consagrado modelo de pedagogia religiosa utilizado no contexto alemão, o assim chamado “modelo de Berlim”, faz distinção entre três dimensões: a dimensão cognitiva, a dimensão pragmática e a dimensão emocional.<sup>11</sup> Sem querer me aprofundar na discussão em torno da pedagogia da religião desenvolvida mais recentemente, entendo que esta distinção em três dimensões é muito útil para o conceito de instrução e educação no contexto escolar e eclesialístico.

#### 3.1. Saber e compreender coisas

Ainda hoje, e certamente em dias futuros, caberá aos educadores e formadores cristãos (da igreja) transmitir conhecimentos. A fé no Deus triúno não consiste num sentimento difuso, pois sempre está conectada

---

<sup>10</sup> Como exemplo, cito a possibilidade de combinar módulos clássicos de instrução com elementos de lazer ou retiro. (Veja a respeito disto a exposição de *Marcell Saß, Frei-Zeiten mit Konfirmandinnen und Konfirmanden* [APrTh 27], Leipzig, 2005, que abordei numa resenha publicada em *Lutherische Theologie und Kirche* 29 [2005], p. 206-208).

<sup>11</sup> Helmut Hanisch, *Unterrichtsplanung im Fach Religion*, Göttingen, 2007, p. 49-85, especialmente p. 54-56. Esta obra forma, também, o pano de fundo das considerações que se seguem.

com o exame de textos e, por conseguinte, com conteúdo ou tópicos relacionados com a fé. Assim, na Igreja Antiga, foi criado o catecumenato para os candidatos ao batismo.<sup>12</sup> Também os catecismos de Lutero foram escritos exatamente por causa da perda total de conhecimento religioso básico, verificada em grande parcela da população.<sup>13</sup> Assim também em dias futuros a tarefa de formação cristã no contexto eclesiástico não poderá deixar de transmitir conhecimentos, estimular uma compreensão e despertar convicções. Nisto se inclui, por exemplo, o conhecimento sobre como, segundo o testemunho da Escritura Sagrada, Deus se revelou na história de seu povo. Cristãos maduros deveriam poder explicar para alguém por que ou para que Jesus Cristo morreu na cruz. Palavras e conceitos que sempre de novo aparecem na liturgia, como “amém” e “aleluia”, deveriam ser entendidos quanto a seu significado. Textos fundamentais da fé, como, por exemplo, Salmos e hinos, deveriam ser memorizados, sempre respeitando a capacidade individual das pessoas. Isto para que estejam internalizados e para que se possa fazer uso deles em tempos de crise. Por fim, os confirmandos deveriam conhecer no mínimo o Catecismo Menor de Lutero, para que tenham pelo menos uma compreensão básica do que significa ser um cristão luterano, e para que, na medida da necessidade, possam também (futuramente) assumir responsabilidades numa igreja confessional.

### 3.2. Saber fazer coisas

No entanto, ser cristão não significa (apenas) poder enumerar determinados conteúdos ou recitar certos textos bem conhecidos, pois, além disso, a vida cristã exige e traz consigo determinadas capacidades ou habilidades. A religião tem, num certo sentido, uma dimensão “artesanal”, no sentido de que existem coisas a fazer.<sup>14</sup>

No caso da formação para a vida na igreja, isto significa que, por meio de treinamento, a pessoa cristã deveria ser capacitada a escolher orações adequadas para determinado momento ou, então, formular orações livres. Ou, para citar um segundo exemplo: é desejável que um membro da igreja tenha condições de fazer um batismo de emergência. Também isto pode ser ensaiado na instrução de confirmandos, com o uso de bonecas.

Outro objetivo pragmático da instrução na igreja é fazer com que as pessoas se sintam seguras e tenham posturas corretas durante o culto.

<sup>12</sup> Christian Grethlein, **Religionspädagogik**, Berlim e Nova Iorque, 1998, p. 473-477.

<sup>13</sup> Veja o Prefácio ao Catecismo Menor de Lutero, onde o Reformador diz: “A lamentável e mísera necessidade experimentada recentemente, quando também eu fui visitador, é que me obrigou e impulsionou a preparar este catecismo ou doutrina cristã nesta forma breve, simples e singela. Meu Deus, quanto miséria não vi! O homem comum simplesmente não sabe nada da doutrina cristã, especialmente nas aldeias...” (Livro de Concórdia, p. 363).

<sup>14</sup> Veja Manfred Josuttis, **Religion als Handwerk**, Gütersloh, 2002.

Na instrução de confirmandos isso acontece de modo especial com o preparo para a primeira participação na santa ceia. Ligado a isto, e indo um pouco além, é preciso dar condições a que, na igreja, tanto jovens quanto pessoas de mais idade possam aprender a verbalizar pessoalmente a fé que professam, além de saber o que fazer com as formulações que nos foram legadas pela tradição.

A moderna “didática religiosa performativa” dá um destaque todo especial a este último aspecto:

A mensagem não existe sem as formas por meio das quais ela se torna inteligível. Antes de mais nada, e por razões teológicas, a aprendizagem litúrgica é aprendizagem de ordem estética. Isto significa que os alunos precisam levar em conta palavras, movimentos e atividades que ocorrem no ambiente do culto.<sup>15</sup>

### **3.3. Ter aprendizagem emocional**

Por fim, o que as pessoas podem e devem aprender na igreja ainda não se esgota em conhecer conteúdos e saber fazer coisas, porque, além disso, toda aprendizagem envolve uma dimensão emocional.

Quem leva a sério as histórias dos fiéis que aparecem na Bíblia perceberá que nelas se encontra uma variedade de emoções: alegria e luto, dúvida e esperança, raiva e alívio. Sentimentos como estes fazem parte de nossa natureza, que recebemos de nosso Criador. Assim, é preciso abrir espaço para a aprendizagem emocional também no contexto da formação eclesial.

Isto se dá, por exemplo, quando cristãos são habilitados a estabelecer uma conexão entre os seus próprios anseios, medos ou esperanças e a fé cristã. Ou, então, quando são orientados a empatizar com as emoções de personagens bíblicos, estabelecendo paralelos ou conexões com as experiências pessoais.

Também podem ser inseridos neste âmbito todos os esforços no sentido de fazer da igreja e da comunidade local um lugar onde se põe em prática o amor ao próximo e a vivência da comunhão e onde cada pessoa, com a sua própria história, é bem-vinda.

### **3.4. A peculiaridade da aprendizagem religiosa**

Existe, no entanto, uma diferença entre processos de aprendizagem religiosa e outras atividades discentes. Posso aprender fórmulas matemáticas e fazer exercícios até chegar à perfeição, mesmo sabendo que isso não têm maior significado para a minha vida em geral. Ou, para citar um exemplo tirado do âmbito pragmático, posso aprender a dirigir um

---

<sup>15</sup> Bärbel Husmann e Thomas Klie, **Gestalteter Glaube**. Liturgisches Lernen in Schule und Gemeinde, Göttingen, 2005, p. 14 (ênfase dos autores).

automóvel, mesmo que, diante da ameaça de uma catástrofe climática mundial, eu não concorde com o fato de cada pessoa ser proprietária de um automóvel.

Em última análise, porém, a aprendizagem religiosa visa, por um lado, a combinação de conhecimentos, habilidades e competências, e, por outro lado, a orientação e convicção interior. Sem isso, estaríamos desenvolvendo, em nossa atividade docente dentro da igreja, uma ciência da religião focalizando o cristianismo, mas não uma teologia cristã. No final das contas, trata-se de uma atividade formativa em que aquilo que ouvi, aprendi, vivenciei e assimilei não fica sendo simplesmente algo exterior, mas me impacta de forma existencial, vai ao meu coração e me remolda de dentro para fora.

De forma um pouco alterada, seria possível afirmar também a respeito dos processos formativos no contexto da igreja luterana o que Sibylle Rolf escreveu a respeito da pregação de Martinho Lutero:

Na proclamação ocorre um evento relacional que é dinâmico, comunicativo e cristológico, operado pelo Espírito Santo. Nele se faz ouvir a palavra de Deus que tanto solicita quanto possibilita ao ser humano ter essa experiência de relacionamento com Deus. Por isso, na pregação, interessa a Lutero aquilo que a "estrutura de experiência" do texto possibilita ao ouvinte em termos de experiência. Essa experiência com o texto deve se exteriorizar na forma de fé e, com isso, como uma "sintonia existencial" e um encontro do ser em sua totalidade com a graça de Deus. Essa graça de Deus conchama a pessoa a sair de si mesma e a convida a entrar numa estrutura de ser que é receptiva, responsiva e na qual se tem vida a partir daquilo que Deus faz.<sup>16</sup>

Fazendo uma conexão com a instrução cristã, pode-se afirmar que o que se tem em vista é possibilitar experiências com Deus, objetivar uma "sintonia existencial" e abrir espaço para uma resposta à palavra de Deus.

### **3.5. Será que é possível ensinar e aprender a crer?**

Esta reflexão sobre a atividade de formação cristã necessariamente nos leva à pergunta se de fato é possível aprender a fé cristã, se alguém pode "aprender" a crer. Até que ponto a instrução de confirmandos, a pregação, o trabalho com os adultos na igreja conseguem criar a fé?

A resposta a esta pergunta é ao mesmo tempo fácil e difícil. É fácil, porque a fé, para nós, seres humanos, é algo que não está à disposição, não é uma faculdade natural. Lutero inicia assim a explicação do Terceiro

---

<sup>16</sup> Sibylle Rolf, **Zum Herzen sprechen**. Eine Studie zum imputativen Aspekt in Martin Luthers Rechtfertigungslehre und zu seinen Konsequenzen für die Predigt des Evangeliums (ASTh 1), Leipzig, 2008, p. 371 (ênfase da autora).

Artigo do Credo: “Creio que por minha própria razão ou força não posso crer em Jesus Cristo, meu Senhor, nem vir a ele”.<sup>17</sup> Estas palavras não apenas dizem algo sobre a minha incapacidade pessoal de obter a fé, mas também deixam claro que ela está fora do alcance de todos os seres humanos. Nós mesmos não podemos produzir a fé; ela está além das nossas próprias possibilidades. O Espírito Santo opera a fé, através do evangelho, “onde e quando lhe apraz”.<sup>18</sup>

Ao mesmo tempo, nesse mesmo contexto, fala-se a respeito do meio pelo qual o Espírito Santo opera a fé, a saber, o evangelho na forma da palavra de Deus e dos sacramentos. Este evangelho pode ser visto como um grande esforço de Deus junto a nós. Lutero inicia assim a explicação do Pai-Nosso, no Catecismo Menor: “Deus quer atrair-nos carinhosamente com estas palavras, para crermos...”.<sup>19</sup> Isto permite dizer que esse “atrair e estimular” é um tema fundamental na reflexão catequética de Lutero.<sup>20</sup>

Somente o evangelho opera a fé. Sem o evangelho não existe fé. Agora, as pessoas que estão engajadas em processos formativos dentro da igreja podem, através daquilo que fazem, envolver-se nessa ação divina de atrair e estimular e, desta forma, dar a sua contribuição para que as pessoas não sejam impedidas de ouvir o evangelho. À luz disto, é preciso ficar atento para que, na ação formativa em contexto eclesial, o evangelho não seja deixado de lado. Isto ocorre quando nessa ação formativa da igreja as pessoas nunca chegam a entrar em contato com o evangelho. Também seria impossível reconhecer a presença dessa ação divina de atrair e estimular numa situação em que a instrução é estruturada de forma tão mecânica e opressiva que a experiência de aprendizagem é prejudicada, a formação não se processa e, por fim, a impressão geral que fica é que tudo aquilo foi pouco atraente ou uma grande chatice.

Friedrich Schweitzer expressou de forma bem interessante essa conexão entre a “não-docência” da fé (a impossibilidade de ensinar a fé) e a necessidade de investir na formação dos cristãos: “Com isto (a saber, com a explicação de Lutero ao Terceiro Artigo) foram demarcados os limites de todo e qualquer processo educacional ou formativo com vistas à fé. Na visão de Lutero, a fé não é um alvo educacional ou formativo, embora também seja verdade que essa fé pressupõe um processo formativo (posterior)”.<sup>21</sup>

---

<sup>17</sup> Lutero, Catecismo Menor, O Terceiro Artigo Da Santificação, **Livro de Concórdia**, p. 371.

<sup>18</sup> CA V (Livro de Concórdia, p. 30).

<sup>19</sup> Lutero, Catecismo Menor, O Pai-Nosso (**Livro de Concórdia**, p. 372).

<sup>20</sup> A respeito disto e das consequências disso para o processo de aprendizagem em nossos dias, veja uma discussão mais detalhada em Christoph Barnbrock, Der (ver-)lockende Katechismus. Überlegungen zur Didaktik und Methodik kirchlichen Unterrichts, **Lutherische Theologie und Kirche** 28 (2004), p. 177-194.

<sup>21</sup> Friedrich Schweitzer, **Religionspädagogik** (Lehrbuch Praktische Theologie 1), Gütersloh, 2006, p. 31 (ênfase do autor).

Agora, que contornos pode assumir a ação formativa cristã em nossos dias? Naquilo que segue, sem qualquer pretensão de ser exaustivo, quero apresentar algumas ênfases.

## 4. COMO SE PROCESSA A AÇÃO EDUCATIVA CRISTÃ?

### 4.1. Aprender a partir de exemplos

Na igreja cristã, a aprendizagem se dá fundamentalmente da mesma forma como ocorrem as demais aprendizagens: pelo exemplo. Muito antes de entrarem numa instituição de ensino, as crianças já aprenderam muito: sentar, engatinhar, caminhar, falar, pintar. Nisto as crianças imitam os pais, os irmãos mais velhos e outras pessoas com as quais entram em contato, e aprendem dessa maneira.<sup>22</sup>

Muito do que se aprende na igreja cristã acontece através de um processo semelhante. Embora eu pessoalmente não tenha levado meus filhos a memorizar o Pai-Nosso, vários hinos e partes da liturgia (ou tenha feito isso de forma pouca intencional), eles aprenderam muito disso através do que ouviram, repetiram ou cantaram regularmente com os adultos. A intensidade dessa aprendizagem depende da idade de cada criança.

O apóstolo Paulo escreve algo semelhante na sua Primeira Carta aos Coríntios: "Sejam meus imitadores, como também eu sou de Cristo" (1Co 11.1). Assim, existe uma série de modelos de vida cristã que a pessoa pode seguir, série esta que retrocede até o principal modelo da fé cristã, a saber, o próprio Jesus. Neste contexto pode ser inserido também o que diz a Confissão de Augsburg, no Artigo XXI, que trata Do Culto aos Santos, a saber, "que devemos lembrar-nos deles, para fortalecer a nossa fé ao vermos como receberam graça e foram ajudados pela fé; e, além disso, a fim de que tomemos exemplo de suas boas obras, cada qual de acordo com sua vocação".<sup>23</sup>

A vida de fé não é aprendida através de meditação ou introspecção espiritual em isolamento, mas acima de tudo no convívio da comunidade cristã. Os pais, os padrinhos, o pastor, os jovens da própria comunidade são "pontos de referência" muito importantes para as crianças e os adolescentes,<sup>24</sup> dos quais eles aprendem, em quem se espelham e de

<sup>22</sup> Para uma exposição mais fundamentada e detalhada, veja Christoph Barnbrock, *Mimesis. Praktisch-theologische Überlegungen*, in: Christoph Barnbrock e Werner Klän (eds.), **Gottes Wort in der Zeit: verstehen – verkündigen – verbreiten** (Festschrift para Volker Stolle), Münster, 2005, p. 467-483.

<sup>23</sup> CA XXI (Livro de Concórdia, p. 39).

<sup>24</sup> Um estudo empírico sobre o trabalho com confirmandos nas igrejas estatais da Alemanha permitiu constatar mais uma vez o seguinte: "Ao lado da satisfação com a experiência de fazer parte de um grupo [...], os fatores fundamentais que levam os jovens a valorizar o período da instrução de confirmandos são o pastor e também, em grande medida, embora isso nem sempre tenha sido devidamente levado em conta, a escolha dos temas a serem estudados" (Wolfgang Ilg *et alii*, **Konfirmandenarbeit in Deutschland** [Konfirmandenarbeit erforschen und gestalten, Volume 3], Gütersloh, 2009, p. 72).

quem eles também conseguem se diferenciar ou distinguir (sendo que este último aspecto pode ser muito valioso e importante para os processos de aprendizagem).<sup>25</sup> O trágico em tudo isso é constatar que, numa sociedade que cada vez mais se afasta do cristianismo e da igreja, existe uma carência desses modelos para os jovens.

#### **4.2. A aprendizagem que engloba várias gerações**

Com isso já tocamos em outro aspecto, a saber, a aprendizagem que engloba várias gerações. Quando diz, no Salmo 148: "Louvem o SENHOR, moços e moças, velhos e crianças! Que todos louvem a Deus, o SENHOR" (Salmo 148.12-13), o que se tem em mente é uma comunidade em que pessoas de diferentes idades e de circunstâncias diversas se unem no louvor a Deus. O mesmo vale também para a aprendizagem em comunhão que ocorre no contexto da congregação e da igreja.

A congregação ou igreja local é um dos poucos grupos que ainda engloba várias gerações, isto é, em que pessoas jovens e pessoas idosas de fato ainda se encontram. Há momentos em que isso resulta em conflitos, devido ao fato de ali entrarem em contato diferentes estilos de vida e de piedade. No entanto, esse encontro entre jovens e velhos pode ser enriquecedor para o processo de aprendizagem de todas as faixas etárias. Não foi por acaso que Jesus colocou as crianças como modelo de fé para os adultos.<sup>26</sup> Por outro lado, uma das características fundamentais das primeiras comunidades cristãs foi a valorização dos presbíteros ou mais velhos.<sup>27</sup>

Seja como for, é preciso certa criatividade para, em meio a processos de aprendizagem, fazer com que membros mais jovens da igreja e membros com mais idade efetivamente dialoguem entre si, e não apenas estejam uns ao lado dos outros. Agora, onde esse diálogo acontece, os jovens muitas vezes descobrem o tesouro de vivência cristã que os cristãos de mais idade trazem consigo. E membros da igreja que têm mais idade muitas vezes ficam admirados com o tipo de linguagem que os jovens da igreja usam, a dedicação que têm e a forma mais descontraída com que esses jovens vivem como filhos de Deus.

#### **4.3. Levar em conta a relevância**

Jan Hermelink, professor de teologia prática em Göttingen, notou uma "modificação no comportamento eclesialístico da atualidade" na Alemanha, que, em termos conceituais, pode ser descrita como "um deslocamento de

---

<sup>25</sup> Veja o que aparece sob 4.6.

<sup>26</sup> Mt 18.3 em diante.

<sup>27</sup> Veja, por exemplo, 1Tm 5.17.

sua natureza institucional para sua natureza organizacional”.<sup>28</sup> Com isso ele quer dizer que instituições eclesiais não mais são significativas para as pessoas por serem socialmente reconhecidas em toda parte, mas porque elas “devem claramente produzir determinado resultado que seja socialmente relevante”.<sup>29</sup>

Sem concordar integralmente com tudo o que Hermelink afirma, penso que é correta a observação que ele faz no texto citado. As pessoas vão à igreja não (mais) porque isso é o que se espera que elas façam, mas porque pensam e esperam que isso lhes “dê” ou “traga” algo. As pessoas perguntam pela relevância da mensagem cristã, pelo proveito que terão do fato de pertencer a uma igreja e participar do culto.<sup>30</sup>

É claro que esta maneira de encarar a situação traz consigo o risco de apenas se perguntar pelos “interesses dos consumidores”, que são os membros das igrejas de hoje, e descartar tudo aquilo que, em termos de mensagem, já não parece relevante ou não desperta mais o interesse dos “clientes”. Isto certamente não poderá ser aceito numa igreja que se declara leal às Escrituras Sagradas e às Confissões Luteranas. Agora, levantar a questão e sempre de novo dar respostas à pergunta sobre o que me “dá ou aproveita” a fé cristã – para aproveitar uma formulação de Lutero, no contexto do ensino sobre o batismo, no Catecismo Menor<sup>31</sup> – me parece uma tarefa perene para a igreja, além de ser uma tarefa urgente em nossos dias.

Para mim, um interessante exemplo, neste contexto, é o apóstolo Paulo e sua pregação no Areópago, em Atenas, que ele começa com uma referência ao altar dedicado ao deus desconhecido. Desta forma, Paulo faz uma conexão entre o mundo dos seus ouvintes e a mensagem que ele tem a apresentar. Esta é uma estratégia a ser recomendada também na área da educação dentro da igreja. A cultura popular, com suas canções, filmes e imagens, oferece uma variedade de pontos de contato, pois as noções de esperança e salvação que ali aparecem não passam, muitas vezes, de formas secularizadas da mensagem cristã de salvação.<sup>32</sup> Nesse tipo de situação é fácil fazer uma ponte entre o mundo em que vivem as pessoas de hoje e a mensagem cristã. Ao mesmo tempo, o exemplo de Paulo em Atenas ensina que essas tentativas nem sempre encontram

<sup>28</sup> Jan Hermelink, *Praktische Theologie als Theorie der kirchlichen Organisation*, in: *Eberhard Hauschildt/Ulrich Schwab (eds ), Praktische Theologie für das 21. Jahrhundert*, Stuttgart, 2002, p. 101-119. O texto citado é da página 107.

<sup>29</sup> Idem.

<sup>30</sup> O significado da relevância para o labor teológico de hoje se tornou bem claro para mim a partir da leitura de Volker Stolle, *Luther und Paulus* (ABT 10), Leipzig, 2002, especialmente p. 477 em diante.

<sup>31</sup> Lutero, *Catecismo Menor, O Sacramento do Santo Batismo* (**Livro de Concórdia**, p. 375).

<sup>32</sup> Veja, por exemplo, Hans-Martin Gutmann, *Der Herr der Heerscharen, die Prinzessin der Herzen und der König der Löwen*, Gütersloh, 1998.

ouvintes receptivos. Ao contrário, numa sociedade marcada por uma pluralidade de visões de mundo, tais esforços são frequentemente rejeitados. Isto, porém, não deveria ser razão suficiente para abandonar todas essas tentativas de se comunicar com as pessoas. E isto me leva ao próximo tópico que gostaria de desenvolver.

#### **4.4. Ensinar e aprender são processos que ocorrem a longo prazo**

É possível que, entre as experiências mais deprimentes nas igrejas cristãs, esteja a de pais cujos filhos não pertencem ou não mais pertencem à igreja, seguindo seu próprio rumo.

Algumas das perguntas que são feitas em situações como esta são: "Teria sido a educação em casa que falhou?" "Será que a instrução de confirmandos não foi boa?" Seria muita ousadia querer, numa situação dessas, receitar um remédio que pudesse curar todos esses males. É verdade que os cristãos não são "do mundo", mas estão "no mundo" (João 17. 11,16), e com isto estão expostos às forças dos processos de secularização e pluralismo que marcam nosso tempo.

Apesar disto, me parece essencial que, em todos os processos educativos dentro da igreja, contemos com períodos de tempo mais longos. Dois anos de instrução de confirmandos não "fazem" de ninguém um cristão "completo" – isto sem levar em conta que, neste mundo, nunca se alcança a perfeição na vida cristã. Cada nova fase da vida traz novos desafios para a vida (como cristão), que podem levar ao afastamento da igreja cristã e de sua mensagem, mas que podem também levar as pessoas a novamente se aproximar da igreja e da mensagem que ela prega. Numa época que também não estava isenta de conflitos, o apóstolo Paulo admoesta Timóteo: "Enquanto você espera a minha chegada, dedique-se à leitura em público das Escrituras Sagradas, à pregação do evangelho e ao ensino cristão" (1Timóteo 4.13). Vale a pena não simplesmente jogar a toalha, mas ter à disposição ofertas que podem ser feitas às pessoas, que possam servir de oportunidade de aprendizagem, e apresentar essas ofertas sempre de novo e de formas sempre novas.

Estudos sobre a conversão, realizados recentemente na Alemanha, mostram que, no caso de pessoas que se criaram, por assim dizer, nas proximidades da igreja e que encontraram o caminho (de volta) à fé através de um processo mais demorado, a instrução de confirmandos tem, num olhar retrospectivo, uma importância que chega a surpreender.<sup>33</sup> Verifica-

---

<sup>33</sup> Veja Anna-Konstanze Schröder, Die persönliche Konversionserfahrung und das kirchliche Angebot, in: Martin Reppenhausen (ed.), **Konversion zwischen empirischer Forschung und theologischer Reflexion** (Beiträge zu Evangelisation und Gemeindeentwicklung, vol. 18), Neukirchen-Vluyn, 2012, p. 67-87, em especial p. 78: "Os dados indicam uma maior probabilidade de que a instrução dos confirmandos seja encarada como algo importante por aqueles cuja conversão se deu na forma de um processo ocorrido dentro da igreja e que tiveram um processo de socialização ou integração (na igreja) que se estendeu ao longo da vida toda".

se também que os processos que acabam levando à conversão ou a um retorno à fé muitas vezes demoram vários anos.<sup>34</sup> Também por isso vale a pena, em todos os processos de educação cristã, ter em vista ou contar com prazos mais dilatados.<sup>35</sup>

#### 4.5. Aprendizagem pontual

Por outro lado, serão cada vez mais raras as situações em que uma pessoa passará pelo processo de aprendizagem da fé cristã, previsto para a vida toda, num mesmo lugar ou numa mesma congregação. Os jovens frequentemente mudam de cidade em busca de formação profissional ou para estudar numa universidade. Depois, continuam mudando, em busca de emprego ou quando constituem família. Assim, por exemplo, na Alemanha, por volta de oito milhões e quatrocentos mil pessoas mudam de domicílio anualmente, o que dá mais de 10% da população. Desses, dois milhões e quatrocentos mil mudam para uma cidade ou região diferente.<sup>36</sup>

Isto significa que sempre de novo as pessoas estarão deixando a comunidade em que até certo momento foram instruídas. Em contrapartida, novas pessoas interessadas, vindas de outro lugar, entrarão em contato com a comunidade. Num contexto desses, me parece importante que as comunidades que estão cientes da presença dessas pessoas que se mudaram recentemente para aquele lugar criem oportunidades de aprendizagem específicas para esse tipo de gente, que não são necessariamente as formas clássicas de "socialização religiosa" (escola dominical, instrução de confirmandos, etc.). Cursos intensivos, do tipo seminário, em que as pessoas recebem uma primeira informação básica a respeito da fé e da confissão da igreja, certamente se tornarão mais significativos numa situação dessas.

Ao mesmo tempo, a saída de membros da igreja e a sua ida para outro lugar não deveria ser vista apenas como uma "baixa" ou perda para o rol de membros, porque, em última análise, a transferência de cristãos para outro lugar traz consigo multiplicadores em potencial, que, por sua vez, podem desencadear processos de aprendizagem junto a outras pessoas. Por exemplo, a história de Priscila e Áquila, em Atos dos Apóstolos, dá a

<sup>34</sup> Veja Johannes Zimmermann *et alii*, Zehn Thesen zur Konversion, in: Johannes Zimmermann e Anna-Konstanze Schröder (eds.), **Wie finden Erwachsene zum Glauben**. Einführung und Ergebnisse der Greifswalder Studie, Neukirchen-Vluyn, 2010, 57-167, em especial p. 74: "Para mais de 30% dos entrevistados o processo de conversão durou de dois anos e meio para menos; para a metade, a conversão durou de cinco anos e oito meses para menos. Existe também a possibilidade de que seja necessário um período mais longo".

<sup>35</sup> Veja também as reflexões sobre aprendizagem ao longo da vida, no ponto 4.8.

<sup>36</sup> <http://deutscher-umzugsmarkt.de/umzugsstatistik.html> (situação em 23 de dezembro de 2013).

entender que pessoas que num lugar ainda eram alunos passaram a ser professores quando chegaram a outro lugar.<sup>37</sup>

#### **4.6. Permitir que haja diferenças de opinião**

Uma das peculiaridades do ensino bíblico é que relatos de desavenças e diferenças de opinião não foram suprimidos, mas incluídos na Escritura Sagrada. Assim, ficamos sabendo da discussão entre Paulo e Pedro (Gálatas 2.11-21) e ouvimos do debate que os apóstolos tiveram sobre o que fazer com a lei do Antigo Testamento num contexto de missão entre os gentios (Atos 15). A solução só foi encontrada “depois de muita discussão”.<sup>38</sup>

Na ação formativa da igreja, vale a pena abrir espaço para esse tipo de “conflito”, para essas discussões, para um debate em torno da correta compreensão da Escritura Sagrada e das práticas corretas dentro da igreja. Assim, as pessoas podem apresentar as suas questões, a visão que (naquele momento) têm a respeito das coisas, sem ficarem com medo de que vão trazer algo que é “falso” e que imediatamente será corrigido. Por exemplo, na vida prática da igreja, surge a questão de como lidar com percepções intuitivas que crianças têm em relação a textos bíblicos, e que, em termos de conteúdo, muitas vezes são “incorretas”. Friedrich Schweitzer aborda esta questão e, num contexto em que descreve a interpretação que uma criança fez de uma das parábolas de Jesus, formula o seguinte princípio:

Quando não se podem adotar procedimentos que, embora adequados do ponto de vista pedagógico, seriam tentativas de correção que de qualquer forma não teriam maior efeito e também não se pode simplesmente manter distância ou ficar inerte diante da forma de compreensão espontânea das crianças, é necessário fazer algo que revele sensibilidade tanto para com as crianças quanto para com a parábola bíblica. [...] Somente à luz deste pressuposto é que se podem dar impulsos que de fato representam um ponto de partida para as crianças e através dos quais elas ao menos são colocadas no caminho em que poderão obter uma compreensão da Bíblia que seja mais adequada em termos de conteúdo.<sup>39</sup>

Independentemente do problema sobre como lidar com a interpretação infantil da Bíblia, é preciso fazer esta afirmação fundamental: conhecimentos adquiridos e posições já definidas pela igreja não devem ser arbitrariamente abandonados no processo de ensino e aprendizagem na igreja, como se coisas que são verdadeiras e corretas pudessem ficar

---

<sup>37</sup> Veja Atos 18.2; 18.26 e Rm 16.3.

<sup>38</sup> At 15.7.

<sup>39</sup> Schweitzer, *Religionspädagogik*, p. 16-17.

ao lado de coisas que não o são. No entanto, uma congregação ou igreja luterana confessional precisa estar tão preparada para o diálogo a ponto de abrir espaço para opiniões e observações que a princípio soam estranhas e permitir que sejam feitas críticas e perguntas, sem que, num tom autoritário, elas sejam simplesmente rejeitadas como “falsas”.

#### **4.7. Oferecer oportunidades de formação diversificadas**

Na Primeira Carta aos Coríntios, Paulo descreve como se relacionou com diferentes grupos de pessoas nas igrejas, de tal forma que, no final, ele se fez “tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns”.<sup>40</sup> Já houve momentos em que esta passagem foi interpretada de forma errônea, como ensinando que a mensagem bíblica e a confissão da igreja deveriam ser amoldadas às expectativas de diferentes grupos na igreja e na sociedade. Falar a respeito da verdade, que precisa ser confessada, seria algo que, em nossa sociedade pós-moderna, no final das contas não faria mais sentido algum.

Entendo que tal interpretação é equivocada na medida em que não há dúvida de que Paulo, com veemência, se empenhou pela correta compreensão do evangelho e claramente também se afastou de ensinamentos e de práticas incorretos.

Agora, de Paulo com certeza aprendemos que as pessoas têm formas diferentes de se aproximar desse evangelho, que é um só, e que vale a pena, também nas comunidades cristãs, oferecer oportunidades de aprendizagem com formatações diferentes. Nem todos se sentem à vontade num grupo de estudo bíblico sediado numa casa. É possível que, para muitos, o contexto mais apropriado para aprofundar o conhecimento teológico seja o ambiente mais anônimo ou neutro de uma série de palestras num auditório. Outros têm dificuldade de apenas ouvir uma pregação. Neste caso, a solução poderia ser abrir um espaço para conversar a respeito do sermão após o culto, para que se possa dialogar e esclarecer o que foi ouvido durante o culto, além de aprofundar o tema e aplicá-lo a situações individuais.

Seria bom admitir, com muita sobriedade, que nem todas as oportunidades de aprendizagem que são oferecidas pela igreja alcançam todas as pessoas de forma idêntica. Ao mesmo tempo, esta observação deveria despertar a nossa imaginação sobre como podemos formatar o programa de educação cristã nas comunidades cristãs de tal forma que o maior número de pessoas seja alcançado, para que “por todos os modos, alguns possam ser salvos”.<sup>41</sup>

---

<sup>40</sup> 1Co 9.22.

<sup>41</sup> Idem.

#### 4.8. Aprendizagem ao longo da vida

Por fim, é preciso dizer que processos formativos, e, em especial, processos formativos no contexto da igreja, nunca podem ser dados por finalizados. Fé, conhecimentos teológicos e habilidades não são coisas que a gente simplesmente “tem” ou “possui”. Acontece que na vida surgem sempre novos desafios e questionamentos diante dos quais as pessoas, e também os cristãos, precisam reagir. Surgem sempre novos processos de aprendizagem: o que parecia apenas periféricamente relevante a uma criança, passa a ter uma importância maior para uma pessoa idosa. Respostas convincentes a perguntas sobre a vida e sobre a fé, que até bem pouco tempo ainda faziam sentido, podem de repente parecer menos sólidas quando as circunstâncias não forem mais as mesmas.

Portanto, não é nenhum exagero quando Martinho Lutero afirma a respeito de si mesmo que precisa “permanecer criança e aluno do Catecismo”.<sup>42</sup> É da natureza desses processos de aprendizagem existencial que nunca podem ser dados por finalizados, pois continuarão ao longo de toda a nossa vida.

A biografia do apóstolo Pedro pode ser um belo exemplo desse tipo de aprendizagem vitalícia. Sempre de novo e, talvez, de forma mais marcante na visita que fez ao centurião Cornélio (Atos 10), Pedro precisou aprender que suas ideias e convicções de fé tradicionais não lhe permitiam fazer frente às situações novas que se apresentavam a ele. Mais do que isso: foi a ação do próprio Deus que alargou o horizonte de compreensão que Pedro tivera até aquele momento, levando-o a uma nova maneira de ver aquela situação.<sup>43</sup>

Assim, processos de aprendizagem continuam a desafiar a pessoa ao longo de toda a vida. Por vezes, isto é doloroso, mas, por outro lado, também é sempre enriquecedor e “inspirador”, na medida em que novos desenvolvimentos revelam algo sobre a atividade do Espírito Santo, como Gerhard Ebeling o expressa em suas reflexões sobre a “atualidade” do Espírito Santo. Por um lado, é verdade que

essa busca doentia por atualidade sempre revela falta de Espírito Santo. Porque em relação àquilo que, segundo a opinião corrente, passa por atual, o Espírito Santo mais impulsiona a que se vá contra a nossa época do que a colocar-se ao lado dela.<sup>44</sup>

---

<sup>42</sup> Martinho Lutero, *Catecismo Maior*, Prefácio, 8 (**Livro de Concórdia**, p. 388).

<sup>43</sup> At 10.47.

<sup>44</sup> Gerhard Ebeling, **Dogmatik des christlichen Glaubens**, volume 3, Tübingen, quarta edição, 2012, p. 123.

Ao mesmo tempo, porém, é preciso afirmar que

igualmente seria uma incompreensão do que significa o fato de a presença do Espírito Santo na pessoa ser a presença da eternidade de Deus em nossa época, se disso concluíssemos pela atemporalidade do Espírito Santo e, por conseguinte, se já víssemos nisso uma indicação, a partir do Espírito Santo, de que é preciso reter, sem modificação alguma, aquilo que é tradicional ou convencional. O Espírito Santo (...) nos capacita a descartar coisas que envelheceram, a deixar crescer o que é novo, a envolver-nos com aquilo que em cada momento se apresenta como necessário.<sup>45</sup>

Assim, é preciso entender que enfoques novos no processo de aprendizagem, que é vitalício, não devem necessariamente ser vistos como correção daquilo que até aquele momento teriam sido, à luz disso, concepções errôneas, mas como acontecimentos do mesmo tipo daqueles que ocorreram no Pentecostes, em que o Espírito Santo atua e fala de tal forma que cada um ouve Deus falar a respeito de seus grandes feitos<sup>46</sup> nas “línguas” da situação em que cada um se encontra e da idade que tem.

---

<sup>45</sup> Idem.

<sup>46</sup> Segundo At 2.11.